

A NUTRIÇÃO E A SAÚDE DO ESCRAVO

Comentários em torno da Anunciologia Gilbertiana*

Geraldo Pereira

O Brasil é um país marcado pela chaga da escravidão; definitivamente marcado. O preto d'África foi arrancado à força, tomado de seu torrão natal, roubado de seus costumes e de sua cultura, para vir trabalhar igual a bicho em terras distantes. E como se não bastasse a violência da captura, viajou feito carga nos porões insalubres dos chamados navios negreiros, padecendo de fome e de sede, adoecendo de Escorbuto e Beriberi e morrendo de inanição. Quando as forças permitiam suportar a travessia do Atlântico, era vendido a preço de ouro nos portos nacionais; exposto quase nu, podia ser observado como qualquer animal de raça, apalpado em detalhes e examinado nas particularidades, como se faz com os eqüíneos, bovinos e suínos. Depois, tinha a destinação do eito, do convívio diário com a terra e com o boi, quase seu irmão, o cavalo e o burro, bichos de carga como ele. Restrito ao campo e à senzala, mal alimentado e saudoso, sofrendo de banzo o dia inteiro, viveu, trabalhou, amou e procriou, dando ao senhor branco, dono da terra e da gente, riqueza, fartura e novos escravos.

O festivo Trezé de Maio não foi além da alforria, isto é, não fez mais do que libertar o negro do jugo do homem de tez clara. As recomendações de Joaquim Nabuco, no sentido de se promover a integração social do preto, não foram seguidas e o transabolicionismo, de que fala Gilberto Freyre, não foi feito. E como o escravo libertou-se, tornando-se, pelo menos no texto da lei, um ser humano livre, migrou do campo para a cidade, marginalizando-se, transformando-se num pária, pois ofício não tinha para ganhar a vida em centro urbano e a outros párias gerou. Na atualidade, o negro integra a sociedade brasileira compondo os segmentos mais inferiores; não há, como destaca Gilberto Freyre, negros nós

* Trabalho apresentado aos alunos do curso Fundamentos da Tropicologia da Fundação Gilberto Freyre, integrando um módulo sob a responsabilidade do autor.

ministérios, na direção da Igreja ou nos postos de comando das forças armadas. Ao descendente do escravo restou o trabalho no eito e o labor nas fábricas ou nos canteiros da construção civil. Camponês, operário e peão, o negro sustenta, ainda hoje, a ostentação branca.

Mas, a colonização negra ou a co-colonização ou, mais, a outra colonização, do dizer gilbertiano, deixou muito do continente originário fincado em terras brasileiras. Deixou costumes e crenças, como deixou a marca genética, biotipológica, definindo o comportamento e as peculiaridades físicas da gente mestiça. Assim, enquanto nas cozinhas do Brasil inteiro fervem receitas herdadas dos pretos, os atabaques tocam em ritmo cadenciado, venerando divindades de além mar e agitando na dança corpos bem talhados de mulatas bonitas, de nádegas arrebitadas, nariz de patola e beiços grossos. A influência está por toda a parte: no vatapá ou no acarajé vendidos nas ruas de Salvador ou nos rituais da Umbanda vistos nas praias de Olinda, com todos vestidos de branco, à moda, quase, dos negros d'África, como está nas praças do Rio de Janeiro ou nas largas avenidas de São Paulo, exteriorizada na cor da pele dos passantes ou no cabelo encarapinhado e finamente entrançado das mulheres.

O negro não trouxe somente as virtudes do espírito da casta e as qualidades da raça, trouxe, de igual maneira, as mazelas todas do continente imenso. Mazelas orgânicas, várias, resultantes da fome crônica e das doenças endêmicas, e mazelas psíquicas, conseqüentes, algumas, ao sofrimento com a perda do torrão natal, do contacto com os pais e com os filhos, perda, quase, da própria identidade. É, então, justamente, a propósito das mazelas que se pretende aqui tratar. Deseja-se comentar as carências nutricionais, as parasitoses e as infecções típicas do homem expatriado, especialmente as que se perpetuaram e, mesmo, nos dias atuais continuam cobrando o tributo à sociedade branca, cuja sociedade persiste pagando este preço em moeda negra, isto é, permitindo, somente, o tombar de pobres e pretos. Pretende-se, igualmente, abordar as questões psicológicas, comportamentais e emocionais, daqueles que vieram curvar-se aos caprichos e ambições do tempo patriarcal.

O texto é todo fundamentado em obras de pernambucano ilustre, escritor, sociólogo, Gilberto Freyre, intitulada *O Escravo em Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*, à semelhança do que já fez Ruy João Marques com *Casa-Grande & Senzala*, quando produziu o excelente ensaio: *Casa-Grande & Senzala, Gilberto Freyre e Medicina*. À semelhança, também, do que vem preparando o autor destas linhas a propósito do livro *Nordeste*, aplicando as considerações freyrianas sobre peculiaridades ecológicas da Mata pernambucana à situação atual das chamadas doenças regionais, integrantes de especialidade médica bem definida — a Medicina Tropical. O livro tomado como base para os comentários sobre a nutrição e a saúde do escravo, foi, como está a dizer o próprio título, escrito a partir da pesquisa sistemática e anúncios da imprensa do século XIX, feita especialmente em exemplares do *Diário de Pernambuco* e do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro.

A propósito, aliás, da imprensa do século passado, Joaquim Nabuco comenta, em *O Abolicionismo*, que se houvesse um cataclisma no Brasil e destruisse tudo, bastaria um só número de jornal para contar a história toda dessa

fase negra do País. Mostra, no aludido livro, o quanto os anúncios de jornal trataram, de forma a mais fiel, a submissão do preto africano ao branco europeu e, depois, brasileiro.

Em *O Escravo em Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*, Gilberto Freyre destaca o valor científico das três ou quatro linhas dos anúncios, principalmente daqueles que chamavam a atenção para as fugas dos negros. Os proprietários tinham todo o interesse em descrever no pequeno espaço o preto fujão, com a riqueza de detalhes que pudesse, para facilitar a captura e a reintegração do negro. Assim, contribuía na caracterização antropológica, informava a respeito de doenças, apontava certas peculiaridades do comportamento e destacava costumes e vícios. É claro que não são desprezíveis os anúncios de venda ou de aluguel dos pretos escravos, pois veiculam, também, importantes detalhes nas transações da gente negra, nem sempre vista como gente pelos brancos do poder.

Determinados aspectos do relacionamento entre os brancos senhores e os negros escravos, vigentes na sociedade patriarcal é ao mesmo tempo escravocrata, merecem comentários; comentários mais propriamente introdutórios à temática que se pretende ferir e menos, especificamente, dirigidos ao cerne do ensaio. É óbvia a interdisciplinaridade da questão — a nutrição e a saúde do escravo —, reconhecendo-se entre os fatores causais certas perturbações no sistema econômico implantado, como, também, as injunções sociais resultantes e as alterações ecológicas conseqüentemente observadas. Assim, as colocações de cunho sociológico não estão de todo distanciadas do objetivo deste trabalho.

O negro, percebe-se pela leitura dos inúmeros anúncios transcritos no livro tomado aqui como base e o próprio autor comenta largamente, era considerado uma coisa ou um bicho e nunca, ou quase nunca, um ser humano. Aparece, com freqüência, no texto a oferta de uma "peça" ou de uma "cabra", à semelhança de uma engrenagem de engenho ou de uma cabra-bicho. Sobre cabra, aliás, o autor mostra um caso no qual é impossível distinguir a oferta, se cabra-bicho ou cabra-gente. O trato era de tal forma rude, que nos mercados, como já se disse, o negro era exposto nú, sujeito ao exame dos mais diversos detalhes de seu físico. Os dentes atestavam a idade, como se usa fazer com os cavalos no momento da compra ou da troca nas feiras interioranas, ainda hoje. Só de cavalo dado é que não se abre a boca, diz o adágio popular. Os cabelos e a barba, que traíam os anos, eram vistos pacientemente, principalmente a barba, em cuja superfície, bem raspada, o vendedor passava pólvora de canhão, enegrecendo-a mais e mais. O órgão genital masculino valorizava o negro, em função de seu desenvolvimento, graças à crença de que a capacidade reprodutora ligava-se ao tamanho do pênis. Mulheres de ancas largas, por outro lado, eram vistas como boas matrizes.

Outra particularidade importante, é a constância com que são descritos os atributos físicos dos escravos; descrições sensuais, muitas vezes, de figuras femininas e raramente, ou quase nunca, de homens pretos. Referências, por exemplo, a "corpo bem feito" a "peitos durinhos" e a "bunda arrebitada" estão sempre presentes nos anúncios dos jornais do século XIX pesquisados por Gilberto Freyre. É um linguajar muito livre, libertino, até, para a rigidez moral do tempo; linguajar que deixa transparecer uma forte dose de sensualidade, um es-

cape sensual — quem sabe? — do homem branco em direção à mulher negra.

Havia, realmente, muita sensualidade enrustida no trato do branco para com o negro. Não se tinha como pecaminoso admirar nos mercados as mulheres quase despidas, nuas da cintura para cima. Tanto não era pecaminoso, que o Padre Walsh visitou um desses ambientes e pôde fixar-se em negrinhas com o tórax desnudo, só não concordando com a ordem do vendedor para que mudassem de posição e expusessem melhor as qualidades da matéria. Depois, na senzala, os corpos de formas bem definidas, os seios generosos e as nádegas empinadas despertavam o desejo do senhor branco, trazendo ciúmes à sinhá, mas produzindo, como produziu, a miscigenação, cada vez mais diluída nos dias que correm. A mulher negra curvou-se sempre à força do homem de tez clara, misturando a senzala com a casa-grande e mesclando o sangue africano com o europeu. A sensualidade não parece ter chegado à senhora da casa-grande, depositária da moral toda do tempo e impedida de qualquer ato, de longe, relacionado ao sexo. Muito raramente um atributo masculino, mais geral, mesmo, aparece em anúncio de escravo fugido ou nos avisos de venda e aluguel.

A mulher branca vivia em casa, trancafiada, quase, ociosa, dedicada à supervisão dos trabalhos domésticos desenvolvidos por mucamas, ao cuidado com os filhos pequenos e ao zelo com as coisas do marido. Não saía e não sabia ler, razão porque sobrevivia à margem dos acontecimentos da rotina diária.

O autor destes comentários em torno do livro gilbertiano sobre anúncios de escravos, anotou algumas passagens interessantes a propósito do trato que os negros mereciam dos brancos, nas três ou quatro linhas, já citadas, dos avisos de jornal. São passagens tiradas diretamente do texto freyriano, mas também de uma secção atual do *Diário de Pernambuco* (Anúncios Há 150 Anos), em cuja secção o editor reproduz alguns avisos de negros fugidos ou oferecidos à venda ou à aluguel.

O *Diário de Pernambuco* publicava em 8 de agosto de 1841, segundo registra Gilberto Freyre, o seguinte anúncio: "Desaparecida das vistas de uma cabra já velha que andava pastorando uma vaca cor de raposa". Trata-se, esclarece o autor, em realidade, do desaparecimento de uma vaca, fugida das vistas de uma senhora idosa, mas o anúncio quase não dá a entender, exatamente, do que se trata. Em outro aviso está a fuga de uma negra com 50 anos de idade, "baixa, cheia de corpo, nádegas empinadas, cara redonda e lustrosa". Uma outra, Joaquina, tinha atributos semelhantes: "nádegas empinada para trás". Já Apolinária era crioula, alta, grossa, cor fula, feia de cara e os peitos grandes. A negrinha Luiza, de beijos finos, era espigadinha de corpo e tinha o "peito em pé". Joaquina, de 14 anos, com pernas e mãos finas, "uma verdadeira flor de pecado". Na secção antes já aludida do *Diário de Pernambuco*, publica-se um anúncio, originariamente inserido no mesmo jornal em 16 de abril de 1838, dando conta da saída de um navio — o Sumarca Espardate — marcado para o próximo dia 21, oferecendo vagas confortáveis a passageiros e recebendo "escravos a frete". Da mesma fonte, um anúncio, datado de 3 do mês de abril, do ano já citado, reclamava a captura de duas escravas, Rosa e Matilde, sendo a primeira muito ladina, baixa, gorda e peituda. Uma mulata, fugida de seu dono, segundo a secção referida mais de uma vez, era alta e de corpo reforçado. Mas, uma exceção para fazer

jus à regra, um negro fugido era bem proporcionado, e muito ladino.

Fugiam mais, explica o sociólogo-antropólogo, os negros de estatura elevada, biotipologicamente considerados longilíneos; mais do que os brevillíneos. É interessante a classificação biotipológica dos escravos fujões, pois longilíneos são predispostos ao nervosismo, segundo Viola e conforme Kretschmer, gente de temperamento oscilante, entre a vivacidade caprichosa e a teimosia refratária. É natural que nos tempos atuais, o interrelacionamento das características biotipológicas e certos padrões do comportamento não seja de todo aceito, mas, admitindo-se a correlação, teria sido a inquietude dos negros grandalhões motivo da predominância significativa entre os escravos fujões. Já os brevillíneos, baixinhos, atarracados, mais acomodados emocionalmente, suportavam melhor a condição de subserviência.

Desapareciam menos, também, os negros do serviço doméstico e mais aqueles ligados ao trabalho no eito, comenta Gilberto Freyre. Justifica o autor que os pretos de casa identificavam-se bem com os senhores, dos quais recebiam benesses, ao contrário dos outros, empenhados na lavoura. Transparece aí a questão da submissão, da adoção de ideologia branca, em troca, certamente, de uma alimentação melhor e de um trabalho mais leve. Submissão atestada pela aceitação de uma inferioridade da raça negra, frente aos brancos do poder. Ainda hoje nota-se em certos segmentos, manifestações típicas de submissão, de inferioridade, como se observa posicionamento contrário por parte da gente branca. O autor destas linhas pôde ouvir um diálogo entre um profissional de saúde e uma mulher pobre e preta, em cujo diálogo a senhora declarava: "Sou preta, mas o meu coração é branco". O coração, evocando no momento o sentimento, não tem diferenças geneticamente impostas! Brancos hostis aos negros, há inúmeros e não precisa aqui exemplificar.

Questão importante, e já agora pretendendo ferir diretamente o objetivo do ensaio, é a da nutrição do escravo. Na anunciologia de que se vem tratando, o autor mostra o quanto o preto d'África sofria no trajeto entre o continente de origem e as terras brasileiras, submetido a dietas paupérrimas, constituídas por um pouco de fava fervida com farinha, em refeição única. De inanição, comenta Gilberto Freyre, morriam 40% dos negros. Na senzala a situação melhorava, o negro era melhor alimentado, se bem que recebesse uma dieta muito rica em hidratos de carbono, com pobreza nítida de proteínas e vitaminas. Entende-se, perfeitamente, que a redução nos custos deve ter sido a razão principal na predominância das massas, das féculas e dos açúcares, embora o interesse em fornecer energia, também, contasse na articulação do cardápio do homem preto. Energia estava, de igual maneira, no copo de cachaça matinal, antes do trabalho no eito, para cuja atividade o escravo ia, geralmente, sem camisa, mesmo na madrugada e devia oferecer todo o vigor de que dispunha, como alude em consideração a propósito, Mário Souto Maior. Orlando Parahym, da mesma forma, refere-se à pobreza qualitativa da alimentação do escravo e aponta o angu de milho como sendo a primeira refeição do dia. Com isso, propriamente, não concorda Sylvio Rabello, pois tendo encontrado faturas antigas de grandes partidas de carne de charque, interpretou-as como destinadas aos negros, visto que aos senhores reservava-se a carne fresca.

Em *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto Freyre diz que os senhores brancos e escravos negros eram os mais bem alimentados da sociedade patriarcal, mas a afirmativa do sociólogo-antropólogo deve ser interpretada, exatamente, em relação à quantidade e não à qualidade dos nutrientes. Se assim não fosse, não havia porque o escritor fazer alusão aos casos da carência vitamínica, chamando a atenção para as deformidades ósseas dos membros inferiores e da cabeça ou apontando negros com "cegueira noturna". O autor, igualmente, alerta para a diminuição da estatura dos mestiços, atestando seu conhecimento em relação à precariedade do aporte protéico. Aliás, Gilberto Freyre não se restringe à nutrição do escravo, mas analisa a mesa da casa-grande e mostra o quanto era farta em doces e outras guloseimas, responsáveis pelos corpos arredondados, gordos, obesos, mesmo, dos senhores-de-engenho e suas mulheres. Alguns não entenderam a posição do escritor pernambucano e às custas da análise isolada de uma frase, tomaram atitudes críticas em relação à questão.

Uma das manifestações carenciais observadas na anunciologia gilbertiana é o raquitismo, cuja descrição aparece freqüentemente. Escravos fugidos com características bem patentes da carência de vitamina D, assinaladas como "pernas arqueadas", "joelhos saldos", saliências ósseas na cabeça ou deformidades do tórax, aparecem sempre nos avisos de imprensa. Há inúmeros exemplos referidos por Gilberto Freyre. Assim, Joaquim fugido em 1845 aqui no Recife, "tem uma das pernas arqueadas para fora"; Felix, 40 anos, "tem as pernas um pouco arqueadas" e um escravo crioulo, fugido em 1870, tinha as pernas um pouco cambetas. Mas há, como destaca o autor: "... certos casos de cabeças deformadas, de cabeças quadradas, puxadas para trás, de testas e cabeças encalombadas e ainda, de peitos estreitos".

Alguns pesquisadores, também, não aceitaram a tese do Raquitismo ao tempo da escravidão, alegando a incompatibilidade da doença carencial com a riqueza solar dos trópicos. Rui Coutinho vai buscar em Harris a explicação: às vezes, as condições sociais privam o indivíduo de seu lugar ao sol, o que justifica o problema nutricional, mesmo com a luz solar abundante, pois não havia acesso fácil ao fígado de boi ou de porco, à gema de ovo ou ao peixe.

A "cegueira noturna" existia, da mesma forma, entre os escravos, não que viesse registrada nos anúncios de jornais, mas nos comentários de Gilberto Freyre à margem do material pesquisado. Segundo o autor, já em meados do século XIX, o Dr. Manoel Gama Lobo referia-se ao mal, chamando a atenção para a falta dos "princípios vitais" como razão etiológica da oftalmia em causa. Depois, conforme, ainda, o mesmo autor, o Dr. Hilário Gouveia descrevia a peculiar cegueira entre os trabalhadores das fazendas de café, alimentados somente com fava, gordura de porco e farinha de milho.

Na abordagem da questão nutricional do negro, vale a pena tocar em problemas misto, quer dizer, carencial e ao mesmo tempo parasitário — a Ancilostomíase. Ocorre que os vermes da família *Ancilostomidae* são grandes espoliadores de sangue, mas só apresentam sintomas as pessoas precariamente alimentadas. Aquelas de aporte protéico-calórico normal, têm, da mesma forma, uma ingesta de ferro dentro das necessidades e, portanto, compensam a perda sanguínea a nível intestinal.

A anunciologia gilbertiana trata do problema em trechos diversos, seja descrevendo o quadro mórbido ou, particularmente, se atendo ao "vício" de comer terra. Escravos opádos, amarelos pela anemia e dispnêicos aparecem com relativa freqüência nos avisos da imprensa do século passado, principalmente naqueles ligados aos casos de fuga. A doença era conhecida como Frialdade, ensina Octávio de Freitas em seu livro *Doenças Africanas no Brasil*, sendo comum entre os negros. Os senhores, diante dos pretos assim doentes, costumavam usar o recurso da máscara de flandre fechada com cadeado para prevenir a geofagia.

Há vários exemplos interessantes na obra que se comenta neste ensaio, enfocando a parasitose. Alguns, de forma direta, já informam, até, a doença, enquanto outros detalham o sofrimento do homem doente. Um determinado preto fugido do Recife, aparece em anúncio de 24 de outubro de 1843, publicado pelo *Diário de Pernambuco*, com a seguinte caracterização: "Muito amarelo por estar com Frialdade". Um outro, Jacob, com 40 anos de idade, "... anda devagar e parece arrastar uma perna, está opilado, tem grande palitação, não é muito ladino..." Cândida, também, entre os 18 e 20 anos, "fugiu levando uma mordada de folhas de flandres na boca fechada por um cadeado". Ora, o primeiro dos exemplos é apresentado no jornal com o diagnóstico e, talvez — quem sabe? —, fosse de um médico, mas o segundo, mesmo sem o rótulo nosológico, tem um quadro clínico em tudo compatível com a Ancilostomíase, como o terceiro dos exemplos, no qual o "vício" de comer terra, que é a necessidade imperiosa de repor minerais de que carece o organismo, é bem patente.

É importante uma palavra a respeito do papel que teve o negro escravo na Ancilostomíase do Brasil: Sabe-se hoje da existência desta parasitose em tempos bem anteriores aos coloniais. Corpos mumificados encontrados nos estados de Minas Gerais e Piauí, guardavam coprólitos que estavam positivos para ovos de vermes da família *Ancilostomidae*, com idades de 3.000 e 7.000 anos, respectivamente. Assim, o gentio, com certeza, convivia com a verminose e se não apresentava, na maioria das vezes, sinais e sintomas do processo anêmico, era por conta da nutrição adequada. Mas, há descrições a propósito do "vício" de comer terra entre os Índios, como a de Gabriel Soares de Souza em 1587. Se o escravo veio parasitado, o que é aceitável, encontrou uma terra com a verminose já instalada, prestando-se como continuador biológico da helmintose.

Os autores interessados na temática — a Paleoparasitologia —, consideram o achado antes referido uma prova importante na explicação do povoamento da América. Negam tenha sido o estreito de Behring a rota utilizada inicialmente, pois o frio intenso não permitiria a continuidade da Ancilostomíase, razão pela qual, o Pacífico foi certamente a rota escolhida.

Parasitose mais importante e sabidamente introduzida no Brasil pela raça negra, foi a Esquistossomose. Os pretos d'África chegaram eliminando ovos do verme e como foram habitar, em Pernambuco, especialmente, a Zona da Mata, para o trabalho nos engenhos, todos, ou quase todos, dependentes dos rios ou de outros cursos d'água menores, a parasitose foi perpetuada, em conseqüência da falta de higiene, de saneamento, que rondava, e ronda ainda, o ambiente rural. Não há — não podia haver! — referência no texto gilbertiano a escravos com "barriga d'água", pois, certamente, essa gente assim doente nem forças podia ter para fugir e muito menos se prestava à venda ou aluguel.

A propósito de outros parasitas intestinais, a anunciologia também não trata, e não poderia mesmo tratar, porquanto não eram males capazes de identificar o negro fujão ou o escravo disponível para a compra ou serviços alugados. Diga-se, de passagem, porém, que o médico holandês Guilherme Pizo, médico do governo de Maurício de Nassau, encarregado dos negócios sanitários em Pernambuco, descreveu 1648 casos de infecção por *Ascaris lumbricoides*, a partir de necrópsias realizadas. Lombrigas, também, foram vistas por Brebon em 1694, mas interpretadas como agentes responsáveis pela Febre Amarela.

Uma parasitose muito bem caracterizada é a Filariose, cuja origem, todos sabem, é africana. Há anúncios identificando o negro fugido como portador de uma das pernas edemaciada, responsabilizando a Erisipela. Assim: "Benedito, crioulo oficial de carpina, já velho, com cabelos brancos na cabeça e na barba, pés apalhetados e um grosso por causa da erisipela, tem o osso do quadril da parte esquerda largado para fora". Ora, o exemplo ilustra o diagnóstico da parasitose de forma bem clara: o edema tem início no dorso do pé e com freqüência os pacientes filarióticos sofrem de Erisipela. Outro anúncio mostra o caso de Joaquina, nação Nagô, fugida em 1849 que tinha ambas as pernas inchadas.

Um aspecto interessante da Filariose e digno de uma investigação científica sistemática, é o da prevalência em áreas interioranas do Estado de Pernambuco. No Recife, já se conhece, como em Olinda, os elevados índices de infecção pelo parasito, mas na Mata, onde preferentemente estiveram os escravos, em função do plantio da cana, nada se sabe. É, então, campo aberto à pesquisa.

No capítulo referente às ectoparasitoses, merece especial destaque a Tungfase — o "bicho-de-pé" —, freqüentemente referida no texto gilbertiano. Ao que tudo indica, porém, existiam piolhos, pois o autor refere que as negras vendedoras comercializavam "pentas para desembaraçar cabelos e tirar piolhos".

Um exemplo de infestação pela *Tunga* está no anúncio da negra Rosa, de 50 anos, fugida a 10 de dezembro de 1850, em cuja mensagem há a seguinte caracterização: ". . . e os dedos grandes roídos de bichos". Virgínia também, fugida em 1838, tinha os peitos grandes, pés e mãos pequenos, dentes grandes, mas padecia de bicho nos pés.

A propósito do tema, Mauro Pereira Barreto, em trabalho sobre a história da Parasitologia nacional, diz que a Tungfase foi descrita em 1548 por Hans Staden, que detectou o "bicho-de-porco" a parasitar os portugueses de Pernambuco. Depois, em 1558, segundo o mesmo Mauro Pereira Barreto, André Thevet chamou a atenção para o parasitismo abundante em nativos, também descrevendo em detalhes as lesões resultantes. Octávio de Freitas, de igual forma, trata do assunto, assegurando a origem americana da parasitose, isto é, declarando-a autóctone, hipótese que aparece de todo aceitável. A verdade é que o bicho-de-pé continua nos dias atuais a agredir a gente pobre da periferia urbana ou os camponeses do massapê. Vez ou outra invade o pé de um menino da burguesia, provocando-lhe um prurido quase sensual, como o do romance *Dona Sinhá e o Filho Padre*, de Gilberto Freyre. Entre os pobres produz quadros epidêmicos, como aquele registrado em Tururu, no Janga, na cidade do Paulista, em Pernambuco, exigindo a necessária intervenção do poder público municipal. Há casos de evolução grave, chegando à amputação da parte lesada, à semelhança do que sucedeu

em criança integrante da comunidade de catadores de lixo do Recife.

Doença comum entre os escravos e de cuja etiologia não se sabe ao certo, justamente porque desapareceu da nosologia brasileira, foi o Ainhum. Uma progressiva constrição fibrosa desenvolvia-se no dedo mínimo do pé, terminando por fazer cair o pododáctilo. Alguns defendem que os negros vistos nas ruas sem o dedinho do pé, fossem portadores do Mal de Hansen. Outros acreditam na etiologia genética e justificam a extinção do mal no país como uma consequência do processo de miscigenação.

A anunciologia gilbertiana trata, ainda, de outras doenças da população negra, vinda de terras distantes. Comenta a propósito, da Bouba, tantas vezes acusada de agredir as partes íntimas das mulheres e discute o Gundú. Deixa de falar sobre a Mácula, pois, em se tratando de doença séria, impedia a fuga e a comercialização do preto.

Sobre a Mácula, disserta Octávio de Freitas em seu livro, aliás, já citado, *Doenças Africanas no Brasil*, apontando as crises diarréicas e disenteriformes como características importantes do quadro clínico. Explica, ainda, a colonização da mucosa anal por larvas de moscas, o que produzia o tão conhecido processo de mifase. O autor destaca, também, a valia para o diagnóstico da grande dilatação do esfíncter, chegando, mesmo, a permitir a introdução do punho humano. A respeito da etiologia da Mácula, nada existe que a esclareça, embora diversos autores tenham abordado o tema em longas considerações. O doente, após um período inicial de sintomatologia bem generalizada — dor de cabeça, febre, dores no corpo, especialmente nos braços e nas panturrilhas e astenia —, apresentava-se com frequentes evacuações, de até 20 vezes ao dia, com puxos e tenesmo, chegando ao prolapso do reto e, em alguns casos, naqueles que andavam nus ou naqueles sem higiene, apareciam fissuras anais, logo invadidas por larvas de moscas. Era doença epidêmica, apresentando características assemelhadas a certas infecções intestinais de veiculação hídrica. No entender do autor destas linhas, trata-se, certamente, de uma Shigelose, sendo a mifase uma complicação consequente à precariedade higiênica.

O livro gilbertiano é pródigo em considerações de natureza psicológica, também. Já foi comentada a diferença entre os indivíduos leptossônicos e brevilíneos, no que tange às fugas, sendo os primeiros predominantemente observados nos anúncios relativos a escravos fugidos. Explica-se, também, com base nas teorias de Viola e Kretschmer, a inquietude dos grandalhões, em contraste com certa apatia dos baixinhos. Há, contudo, outros comentários, igualmente, interessantes.

Em *O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX* são referidos casos os mais diversos de comprometimento emocional do negro escravo. Casos de gagueira, de interrupção da fala, mas também de banzo e, até, de suicídio. São casos resultantes, por certo, da inferioridade vivida pelo homem preto em relação ao senhor branco. A gagueira deve ter sido consequente a determinados traumas no desenvolvimento psicológico normal, fruto-quem sabe? —, em alguns casos da subserviência, quase se poderia dizer, imposta; subserviência impositiva, até, do falar normal, do fluir habitual das palavras. Mas, outras alusões existem, dentre as quais destaca-se o banzo, tradutor do sentimento da saudade,

de perda da terra natal e de seus entes queridos. Muitos escravos eram vistos tristes, vagando quase a esmo pela rua, abobalhados, sem saber de uma atitude certa, desgastados com a distância. Outros, desesperados com a escravidão ou frustrados na ocasião da fuga, tentavam contra a vida, contanto que se livrassem da subserviência.

Problema importante entre os escravos, parece ter sido o alcoolismo. Alguns chegavam, até, a arrombar alambiques para que pudessem ter acesso à aguardente. Há referências no livro aqui comentado, a negros com fisionomias edemaciadas, olhos cheios de sapirangas, avermelhados e inchados de tanto beber. Negros bêbados de pernas edemaciadas, cambaleando pelas ruas, lembram a possibilidade do diagnóstico de cirrose.

Outro vício do tempo escravocrático foi o do fumo; do fumo mascado, às vezes, misturado a uma folha de maconha. Ou do fumo aspirado, mesmo, fosse em grandes charutos, em cachimbos ou em cigarros. Sobre a maconha, o autor nega tenha sido razão de violência, tal como sucedia na Ásia e na África, mas provocadora de uma desordem aplacada, como aplacadas foram tantas outras coisas neste Brasil tão grande.

Eis a sinópsese dos ensinamentos gilbertianos em torno de questões sociológicas, biotipológicas e principalmente nutricionais e sanitárias, mas, também, psicológicas do negro escravo. Eis o resumo da nosologia do preto, da qual os brasileiros herdaram em tributo, grandes endemias.

BIBLIOGRAFIA

- 01 BARRETTO, M. P. Esboço Histórico da Parasitologia Médica no Brasil até os Fins do Século XIX. † *Revista Brasileira de Malariologia e Doenças Tropicais*, 1964.
- 02 COUTINHO, R. *Noções de Fisiologia da Nutrição*. Gráfica O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 1966
- 03 DIARIO DE PERNAMBUCO. *Anúncios Há 150 Anos*. Edições de 3 a 16 do mês de abril de 1988. Recife, 1988
- 04 FERREIRA, L. F.; ARAÚJO, A. G. J.; CONFALONIERI, V. E. Os Parasitas do Homem Antigo. *Ciencia Hoje*, 1(3):63-67, 1952.
- 05 FREITAS, O. *Doenças Africanas no Brasil*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1935
- 06 FREYRE, G. *Nordeste*. 3ª Edição. Livraria José Olímpio Editora, 1961
- 07 FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala*. 11ª Edição. Livraria José Olímpio Editora. Rio de Janeiro, 1964
- 08 FREYRE, G. *Dona Sinhá e o Filho Padre*. Livraria José Olímpio Editora. Rio de Janeiro, 1964
- 09 FREYRE, G. *O Escravo em Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*. 2ª Edição (aumentada). Editora Nacional. São Paulo, 1979
- 10 MAIA, M. S. Cachaça. In: *O Homem do Nordeste*. Editora Massangana. Recife, 1982

- 11 MARQUES, R. J. *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto Freyre e Medicina. Companhia Editora de Pernambuco. Recife, 1983
- 12 NABUCO, J. *O Abolicionismo*. Edição Fac-similar. Editora Massangana. Recife, 1988
- 13 PARAHYM, O. *Doenças dos Escravos em Pernambuco*. Gráfica Caxangá, Recife, 1978
- 14 PEREIRA, G. *Ecologia e Saúde*. Comentários em Torno do Livro *Nordeste* de Gilberto Freyre (título provisório), Ensaio em fase de redação final. Recife, 1988
- 15 RABELLO, S. *Cana-de-Açúcar e Região*. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. MEC. Recife, 1969
- 16 ROMEIRO, V. *Semiologia Médica*. 11ª Edição. Editora Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, 1964.

